

Os condenados da terra no regime da biopolítica: “Sobrevivendo no Inferno” com o rap dos Racionais

Andresa Reus Santos Muniz¹
Virgínia Tavares Vieira²

Introdução

Sabendo-se que a população periférica é majoritariamente negra, concordamos com o filósofo Michel Foucault quando ele afirma que as relações de poder dependem do aparato do Estado para agirem – podendo atuar, inclusive, de forma “essencialmente repressiva” (FOUCAULT, 1979). Nas favelas brasileiras, as ações violentas da polícia são frequentes, evidenciando a presença de mecanismos biopolíticos que selecionam quais sujeitos irão sobreviver em nossa sociedade. Nas músicas do gênero rap, observamos relatos de indivíduos oriundos dessas comunidades, sendo possível vislumbrar seus contextos sociais a partir do lugar de fala. O “inferno” causado pela violência é perceptível tanto nas estatísticas do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2019) quanto nos discursos dos rappers.

Objetivo

Analisar canções do álbum “Sobrevivendo no Inferno”, de autoria do grupo Racionais MC's (1997), a partir da perspectiva política da arte, identificando os processos de resistência de sujeitos pobres e negros através dos discursos musicais.

Metodologia

Utilização de algumas ferramentas da análise do discurso a partir de Michel Foucault, perpassando pelas discussões de discurso, saber e tecnologias de poder; relação das teorias com aos discursos das músicas dos Racionais MC's, bem como com trechos da obra “Os Condenados da Terra” de Frantz Fanon – os quais abordam temas como a descolonização, a violência e o racismo estrutural.

Resultados

A biopolítica é um procedimento disciplinar empregado pelo Estado moderno na tentativa de forjar os sujeitos. Dentro das análises genealógicas foucaultianas, a disciplina e o poder estatais são descentralizados, funcionando em rede e atravessando todo o “corpo social” a partir de diversos “micro-poderes” (FOUCAULT, 1979: p. 10).

Na introdução da canção “Capítulo 4, Versículo 3” (RACIONAIS, 1997), escutamos a seguinte informação: “60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial”, o que indica que os corpos dos sujeitos negros e pobres são os condenados desta terra mesmo quando não há culpa. Fanon, ao utilizar o conceito de “colonizados”, relembra a escravidão que segregou a humanidade. Para o autor, o futuro implica na descolonização, porém ele advertiu que este fenômeno é sempre violento, descrevendo-o como a “substituição de uma ‘espécie’ de homens por outra ‘espécie’ de homens”. A descolonização, portanto, “só pode acontecer após um embate decisivo e mortal” (FANON, 1961).

Conclusão

Confluindo os textos dos filósofos supracitados, é possível inferir que a violência do Estado atua como uma forma de manutenção do racismo estrutural, forjando os sujeitos de modo a garantir que não haja a substituição da “espécie de homens” que detém o poder. Nestas relações, a revolta causada por discursos como os do rap é o gatilho para o que Foucault definiu como resistência: “As resistências [...] são o outro termo nas relações de poder; inscrevem-se nestas relações como o interlocutor irreduzível” (FOUCAULT, 1976: p. 91-92). A resistência dos interlocutores pode manifestar-se em diferentes práticas, tanto artísticas quanto políticas, porém viver já bastaria, pois, como afirmou o vocalista Mano Brown, isso é “contrariar” as fatais estatísticas.

Referências

- FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: a Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1976.
FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
FANON, Frantz. Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.
RACIONAIS MC'S. Capítulo 4, Versículo 3. Cosa Nostra: 1997. 8'08".

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da ULBRA, andresamuniz@rede.ulbra.br.

² Orientadora, Professora Doutora do programa de Pós-Graduação em Educação da ULBRA; virginia.vieira@ulbra.br.



FONTE: Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2019).